

Zumbi tinha escravos? **Santos Dumont** inventou o avião? **João Goulart** favorecia empreiteiras? A origem da feijoada é a **Europa**? **Aleijadinho** é um personagem literário? Antes da Guerra, o Paraguai era um país a **caminho do desenvolvimento**? Quem matou mais índios, os brancos ou os **próprios índios**?

Se você já estiver com a sensação de que a história tá mal contada, é melhor não ler **GUIA POLITICAMENTE INCORRETO DA HISTÓRIA DO BRASIL** (Leya, SP, 2009). Mas, se for encarar, é bom ir devagar. A tinta é corrediça e o livro, divertido. Mas, nele, tudo parece ao contrário! O seu autor, o jovem jornalista paranaense *Leandro Narloch*, catou novas dissertações em universidades, fuçou livros novos, bisbilhotou sites, artigos, revistas e publicações científicas e, segundo os seus termos, *jogou tomates* na historiografia brasileira. Muito tabu foi pisado e muita fábula, recontada.

Quem poderia imaginar, por exemplo, que a vastidão de coco que é o litoral brasileiro fosse uma novidade para os índios, **até o descobrimento**? E que a refinada música de *Pixinguinha*, *Donga* e *Sinhô* (ex: **Carinhoso**), hoje tão brasileira, fora rejeitada pela elite intelectual do Brasil dos anos 30, em favor do famoso *bubumpaticumbum-pruburundum*? Diz o autor que este modelo de samba serviria melhor ao nacionalismo da época e aos desfiles de escolas de samba que elogiariam Getúlio. E o mais engraçado: não veio do morro esse novo bater de tambores. Segundo o autor, a novos sambistas como Braguinha e Noel Rosa, membros da *sociedade carioca* da época, coube transmitir as favelas e morros a nova bossa.

Qual versão resiste a mais ventos e trovoadas? Bem, sendo quase um festival de *quebra de paradigmas*, as infundáveis piruetas desse livro não poderiam deixar de gerar dúvida. São mais de 300 as suas inimagináveis páginas e todas elas guardam surpresas do início ao fim, dos índios aos comunistas. O próprio autor chega a dizer que anda *na direção oposta à dos historiadores militantes* e que sua obra é uma *provocação*! Mas há de se ressaltar que esta “...**pequena coletânea de pesquisas históricas sérias, irritantes e desagradáveis, escolhidas com o objetivo de enfurecer um bom número de cidadãos...**” – como o autor descreve - se apoia em variada fonte bibliográfica e não menos que 215 notas explicativas. Sabe quem aparece por lá? A filósofa e incrível autora de **LER DEVERIA SER PROIBIDO**, *Guiomar de Grammont* (**LER DEVIA SER PROIBIDO**). Então, a pergunta: que pano cobria esse Brasil que ainda vai demorar de chegar às escolas? Na *ideologia*, responde o autor:

“... na última década, apareceram acadêmicos alertas de que não são políticos a escrever manifestos. Eles tentam elaborar conclusões científicas baseadas em arquivos inexplorados de cartórios, igrejas ou tribunais, têm mais cuidado ao falar de consequências de uma lógica financeira e pesquisam sem se importar tanto com o uso ideológico de suas conclusões...”

Ideologia, para que fique bem claro, é a forma transversa de dizer uma coisa com intenção de ocultar outra. Ex: “*esta fábrica vai gerar milhões de emprego*”. O empresário deveria ter dito: “*esta fábrica vai gerar milhões de lucro*”...

(ninguém cria empresa pensando em *emprego*, né? É discurso (uma *nobre mentira*, como disse Norberto Bobbio em *ESTADO, GOVERNO e SOCIEDADE*, Ed. Paz e Terra). É **verbalização de interesse** com a intenção de conquistar aliados.

Se você ainda não leu, prepare-se, leitor: todas as perguntas que iniciam esta resenha estão respondidas no livro.